

# Ipea prevê *cenário sombrio* para economia em 93

Tina Coelho

Rio — Os cenários para este ano, traçados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério do Planejamento, são sombrios e estão na contramão do otimismo que o governo vem demonstrando: o Boletim Conjuntural do órgão, relativo a janeiro, indica que a produção industrial deverá apresentar queda acumulada de 8,4% nos quatro trimestres findos em março e de 7,8% nos quatro trimestres findos em junho.

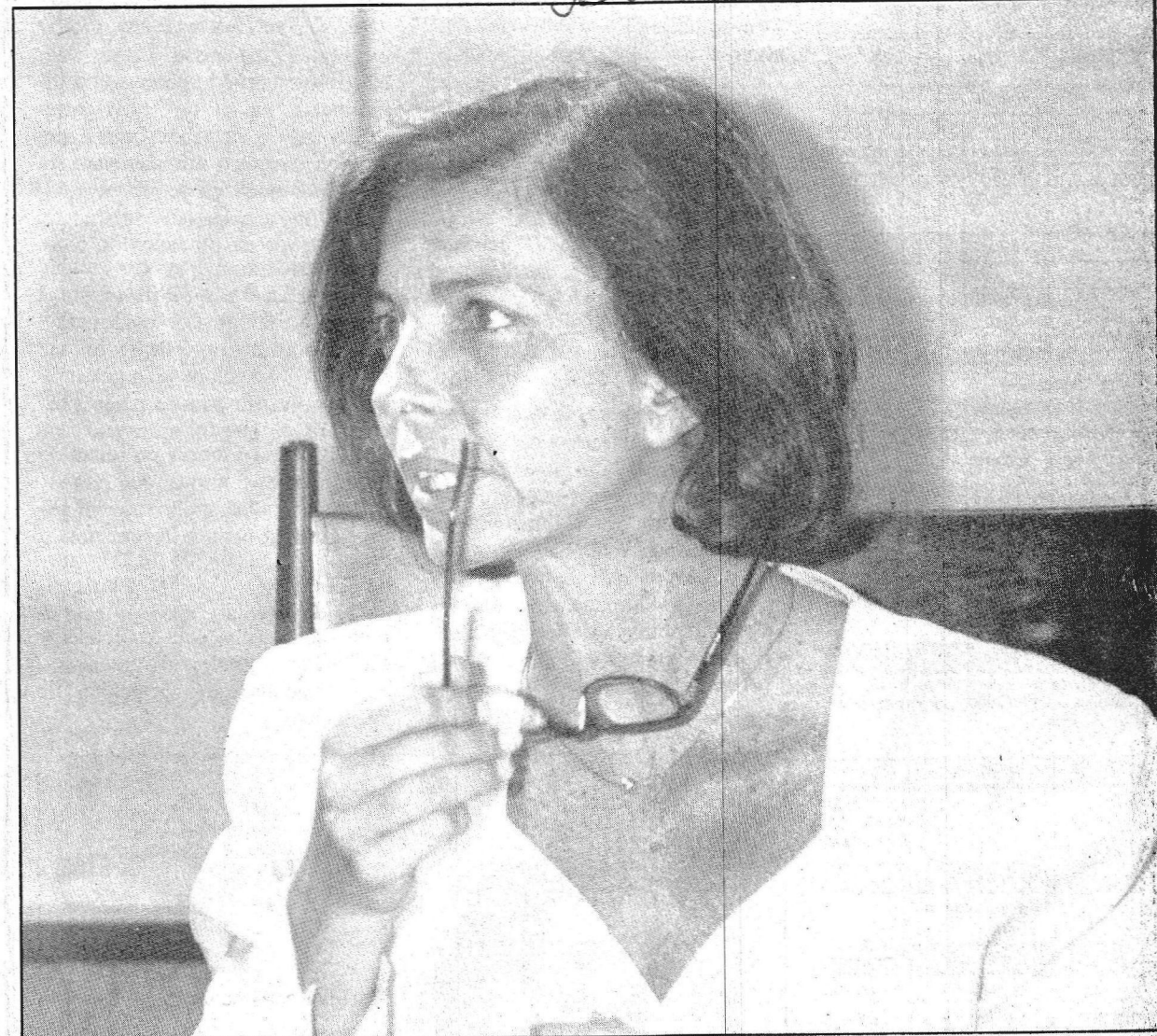
O Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma das mercadorias, bens e serviços produzidos no País, segundo o Boletim Conjuntural, deverá mostrar redução acumulada de 3,3% nos 12 meses findos em março e de 3,4% em junho. Isso significa um agravamento da situação para os brasileiros, que no ano passado — um período reconhecidamente difícil —, não tiveram que enfrentar retrações tão violentas. No primeiro trimestre de 1991 (sempre considerando como taxa acumulada em quatro trimestres), o PIB cresceu 5,2%, embora por razões meramente estatísticas, no segundo mantivesse expansão, mas encolhida para 1,2%, no terceiro caiu 1,1% e prevê-se que, fechadas as contas, no quarto trimestre terá diminuído 1,5%.

De acordo com o coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do Ipea, Cláudio

Considera que a euforia demonstrada por empresários e até pelo governo em dezembro e janeiro nasceu dos resultados do setor de comércio, que vendeu mais nesse período. “O ânimo no comércio deveu-se mais ao aumento que conseguiu nas margens de lucro, por intermédio de aumentos de preços, do que por ter vendido maior quantidade de produtos”, explicou.

Conforme explicou, a teoria econômica e a experiência brasileira mostram que inflação crescente “aborta qualquer processo de crescimento da economia”. Como exemplo, cita o caso do salário mínimo, que foi reajustado no final de dezembro, mas que não causará aumento de demanda por produtos, porque já foi esterilizado em 30% pela inflação de janeiro. “Não é possível retomar o crescimento com essa aceleração inflacionária”, avisou, frisando que a sociedade brasileira tem de se convencer do inevitável: o problema fundamental do Brasil é a inflação, causada pelo desajuste nas contas públicas.

O economista Carlos Von Doellinger, do GAC, afirmou que o governo não tem política de combate à inflação e que, ao tentar brejar os reajustes de preços de remédios e alimentos, está correndo atrás do que já subiu de preços, e não do que está subindo no momento — ou seja, trata-se de uma corrida perdida.



Assim como o seu colega Paulo Haddad, Yeda afirmou várias vezes que Itamar aprovara a decisão